

# Tatiana Parra: a bela voz paulistana entra na raia

Cantora, que já gravou com Chico Pinheiro, Maurício Tapajós e Flávio Henrique, faz sua estréia-solo hoje, com direção do pianista André Mehmari, no Tom Jazz

Lauro Lisboa Garcia, O Estado de S.Paulo

07 de agosto de 2013 | 00h00

Música não é olimpíada, mas as fracotes que fiquem espertas: a paulistana Tatiana Parra decidiu entrar na raia. Aos 26 anos, com um considerável histórico de participações em trabalhos de compositores, criadora de jingles publicitários e professora de canto, ela, enfim, faz sua estréia-solo como intérprete hoje no Tom Jazz. Tatiana já deu mostras de seu potencial em CDs de Theo de Barros, Flávio Henrique, Maurício Tapajós, Chico Pinheiro e daí gerou expectativas. "Tem gente que diz que já é tarde para começar. Em geral tem essa coisa "juvenecista" de dizer que a gente já está ficando velha para lançar o primeiro disco", brinca. Mas ela não tem pressa. "É um caminho natural querer experimentar o que se adapte à minha voz, ao que acredito esteticamente. É uma continuação do que venho fazendo desde os 5 anos de idade", diz. "Em estúdio faço qualquer coisa rapidamente, mas o palco ainda é um mistério para mim." Ouça trecho de *Surdina* (Maurício Tapajós/Cacaso) É curioso, no entanto, que embora chame a atenção pelo timbre e a afinação nos CDs alheios, as gravações não refletem a dimensão que o canto de Tatiana tem ao vivo - aliado ao porte elegante, de charmosa timidez. Nos shows de lançamento do segundo CD de Pinheiro, em 2005, por exemplo, ela surpreendeu a platéia com seu desempenho. Inteligentemente, Tatiana vai testar no palco, a partir de agora, o repertório previsto para o primeiro CD-solo. Depois do Tom Jazz, a cantora segue para algumas cidades do interior de São Paulo. Quem assina a direção musical do show é André Mehmari, que vai acompanhá-la ao piano. Os outros instrumentistas são Conrado Goys (violão), Sergio Reze (bateria) e Neymar Dias (contrabaixo e viola caipira). Mehmari deve mexer nos arranjos para os próximos shows, com a possibilidade de incluir fagote, clarone, algum sopro que "dê uma cara legal", segundo a cantora. O roteiro, sofisticado, tem canções inéditas de Mehmari (cinco) e Goys (o poema *O Auto-Retrato*, de Mário Quintana, musicado por ele, abre o show), outras de Guinga e Simone Guimarães (*Rasgando Seda*), Sérgio Santos (*Toada Mineira*), Milton Nascimento e Fernando Brant (*Testamento*), Moacir Santos e Nei Lopes (*Sou Eu*), Chico Pinheiro e Chico César (*Valsa para Três*), além de abrir espaço para apresentar dois novos autores: Ricardo Barros e Luiz Ribeiro. "Esse show é para experimentar repertório, ver o que funciona, testar sonoridades, aproveitar a reunião desses músicos, é tudo muito novo. Não tenho condições de me dedicar só a isso por enquanto. Dou aula pra caramba, faço jingles, publicidade, canto em eventos, com outras pessoas. Espero mais para a frente poder focar melhor esse trabalho: esse é meu objetivo." Neta e filha de musicistas, que não desenvolveram a aptidão para além de pequenos círculos, Tatiana é a primeira a quebrar um tabu de família. "Meu avô (Wilson de Souza) era um grande violonista, eu cantava muito com ele. Minha mãe (Cidinha) sempre fez backing vocal, é cantora de estúdio, gravou com grandes maestros, mas nunca ninguém em casa teve a coragem de dar a cara para bater", conta. Com o avô ela aprendeu desde pequena a gostar de Orlando Silva, Dalva de Oliveira, Silvio Caldas, Ademilde Fonseca e se espelha neles e outros antigos no que toca à "intensidade, seriedade com que se entregavam à música". "Tem um comprometimento muito forte e um acabamento especial com as melodias, não era nada largado. Mesmo que às vezes não tivessem recursos técnicos ou estudo", observa. "Eu também foco muito nisso, gosto de melodia bem trabalhada, de harmonia, por isso a minha paixão pelo trabalho do André Mehmari. Acho que isso casa bem comigo, não posso ir contra isso, mas não refuto a coisa mais rústica, mais gutural. Respeito todas as outras linguagens." Aos 8 anos, Tatiana começou a estudar piano e chegou a pensar em se tornar concertista. Participou de vários concursos, estudou no Colégio Santa Marcelina. Canto mesmo foi só mais tarde, na época da faculdade. Hoje ela costuma ouvir mais as cantoras contemporâneas. "Gosto muito de Mônica Salmaso, Maria João, Roberta Sá, as Lucianas Alves e Souza, Verônica Ferriani, mas os cantores, como Milton Nascimento e Bobby McFerrin, talvez tenham me inspirado mais do que as cantoras. E uma miscelânea de referências." Vai daí que banhadas nesses mares de influências e na disputa por uma vaga na linha de frente, muitas cantoras novas derrapam na pretensão marqueteira, na vaidade, na falta de personalidade e critério ao escolher repertório, quando não a ausência de noção do que é cantar. Tatiana diz que não está forçando nada para parecer "diferente das outras". "Simplesmente estou registrando uma coisa com que convivo diariamente, que prestígio. Entendo que o mercado realmente está com muita cantora (risos), mas não quero cair na fórmula de gravar o compositor da moda", diz. "Se é para gravar coisa nova, vamos então apresentar outras novas. Não estou procurando fugir de nada, só quero ir ao encontro do que